

A MISSÃO CARMELITA DE VILA FLOR*:

PRIMEIROS RESULTADOS DO PROJETO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO

GABRIELA MARTIN

Universidade Federal de Pernambuco

O capitão-mor Jerônimo de Albuquerque concedeu, a 2 de maio de 1604, a seus filhos Antônio e Matias de Albuquerque uma sesmaria de cinco mil braças quadradas, na Várzea do Cunhaú "onde entra a Ribeira do Piquery a duas léguas de Canguaretama". Esta é a notícia mais antiga que temos a respeito da região onde se assentaria o aldeamento e a missão de Gramació, no Rio Grande do Norte, recolhida pelo historiador Pereira da Costa (Anais Pernambucanos, II). Sabe-se que, em 1677, o Governador Matias de Albuquerque fez termo de desistência das terras demarcadas pelos religiosos de Nossa Senhora do Carmo da Paraíba, nas salinas do Cunhaú e que, em 1700, um alvará de El Rei doava aos padres missionários carmelitas uma légua quadrada para instalar um aldeamento indígena, onde seriam construídas casas para cem casais "sem contar velhos e crianças" e ainda que foram doadas ferramentas para as casas e

* O Projeto Vila Flor é financiado pelo SPHAN/Pró-Memória e visa ao estudo arqueológico e levantamento da documentação histórica da antiga Missão Carmelita de Gramació, no Rio Grande do Norte. O Projeto Vila Flor dará lugar a várias monografias. Plínio Victor de Araújo e Bartira Barbosa estudam os materiais arqueológicos indígenas da antiga aldeia. Paulo Tadeu de Souza estuda as cerâmicas e faianças européias procedentes da antiga vila. Maria do Socorro Ferraz coordena a parte histórica do Projeto.

lavouras. Estava assim criada a Missão Carmelita de Gramació, até que em 1768, em obediência às instruções que determinavam designações portuguesas para as novas vilas criadas, foi a missão denominada Vila Flor.

A partir de 1713, os carmelitas já tinham na região três aldeamentos: o de Mamanguape e aldeamento da Preguiça na Paraíba, e o da Baía da Traição no Rio Grande do Norte, que se somaram à Gramació. Além dos aldeamentos citados e dirigidos por carmelitas, existiam também no Rio Grande do Norte, segundo documento da Junta de Missões citado na Informação da Capitania de Pernambuco (1749), as missões de São Miguel de Guajuro (posteriormente Extremoz) e São João Batista de Guaraíras, dirigidas por jesuítas e São José de Mipibu, dirigida por frades capuchinhos, todas elas habitadas por caboclos da língua geral.

No Capítulo Provincial, celebrado em Goiana, em 1743, frei João de São José foi eleito superior da Missão de Gramació, tendo como auxiliar frei André do Sacramento. Frei Antônio da Assunção foi eleito superior em 1748 e substituído por frei Manuel da Purificação, que continuou exercendo o apostolado até 1752.

Não podemos separar a instalação do aldeamento indígena do aproveitamento dos recursos econômicos da região e tudo indica que ela foi rapidamente habitada como consequência de múltiplas atividades ali exercidas. O mapa de Margrav, de 1658, assinala aldeias, currais de gado e população branca já distribuída por toda a capitania. A isso devemos juntar a instalação do primeiro engenho de açúcar do Rio Grande do Norte, o Engenho Cunhaú, movido à água e que já existia desde 1612, cuja história registra ter sido assaltado e incendiado várias vezes durante a guerra contra os holandeses.

A agricultura e a pesca foram as principais atividades de subsistência do aldeamento de Gramació, pois as terras são férteis para o cultivo da mandioca, milho e feijão e a pesca nos mangues ainda é atividade importante para as populações ribeirinhas de Canguaretama, ao longo da ampla barra do Cunhaú, que subsistem da pesca do caranguejo e da ostra, produtos levados diariamente para Natal. Po

rêm, a atividade industrial que deve ter empregado numero sa mão-de-obra indígena, foi a produção de sal. As salinas de Cunhaú foram, entre os séculos XVII e XIX, das mais importantes do País, somente superadas, posteriormente, por Mamanguape, na Paraíba e Macau, também no Rio Grande do Norte, possivelmente causa da sua ruína e abandono. Atualmente, em grande parte dos terrenos de mangue das antigas salinas existem modernas instalações industriais dedicadas à criação de camarão para exportação*.

Nove unidades salineiras são registradas em diversos documentos entre as quais destacam Canabrava, Pedra Fina, São Luís, São Pedro, Conceição, Amparo e São Francisco. Considerando-se a importância da indústria do sal na Barra do Cunhaú, compreende-se a estrutura urbana de Vila Flor, situada somente a meia légua de distância; a imponência da Casa de Câmara e Cadeia, construída na segunda metade do século XVIII, não se justificaria no caso de tratar-se unicamente de uma missão evangelizadora de índios, sem estrutura econômica sólida. O plano urbanístico da cidade, hoje demarcado pela bela e enorme praça de 20.000m², deve ter obedecido mais às necessidades de um complexo industrial do que a uma ocupação estritamente religiosa, diferentemente de outras estruturas missionárias do Nordeste**.

Os componentes sociais da indústria salineira são bem diversos das estruturas sociais da indústria açu-

* A abundância de conchas marinhas que afloram nas margens dos caminhos e depósitos das antigas salinas e nos criadouros de camarão, permite se pensar na existência de concheiros pré-históricos na região, fato que deverá ser pesquisado no futuro.

** Em geral, as estruturas arquitetônicas das missões no Nordeste são pouco conhecidas e estão mal estudadas. Como exemplo podemos citar as missões no vale do São Francisco, cujo estudo e escavações arqueológicas estamos realizando dentro do Projeto "Itaparica de Salva-mento" e que nos apresentam conjuntos habitacionais muito menores e acanhados.

careira. Não existe "o senhor do sal" como existia o "senhor de engenho". O sal é monopólio real e o concessionário não mora na unidade produtora ou centro de produção, levando-o a se integrar, naturalmente, na estrutura urbana da missão. Esta integração poderia justificar a qualidade das estruturas urbanas que temos encontrado nas escavações arqueológicas que estamos realizando em Vila Flor e a variedade e qualidade das faianças e loiças importadas às que mais adiante nos referimos.

O avanço da indústria açucareira unido à força econômica das salinas, fez prosperar Vila Flor, porém essa riqueza vai acarretar também sua ruína quando o poder religioso e o poder temporal se enfrentam. Nessa luta chocam-se o vigário José de Matos Silva e o deputado Capitão Policarpo de Oliveira, senhor do engenho Juncal, motivo pelo qual, em 1858, a sede será transferida para o povoado de Uruá, depois Penha e finalmente vila de Canguaretama. Somente em 1963 é que Vila Flor será desmembrada, obtendo assim sua independência municipal.

Existe um outro projeto da SPHAN/Pró-Memória para restauração e urbanização da praça de Vila Flor, já estando restaurada a igreja de Nossa Senhorado Desterro, sede da antiga missão carmelita e a Casa de Câmara e Cadeia. Antes da realização dessas obras, a 3ª DP Regional da SPHAN determinou que fossem realizadas pesquisas arqueológicas para se determinar os possíveis restos das dependências da missão e outras contruções. O Departamento de Arqueologia da SPHAN designou o Núcleo de Estudos Arqueológicos do Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, que dirigimos, para realizar as pesquisas arqueológicas pertinentes na praça de Vila Flor, para o que foi assinado convênio entre a Fundação Nacional Pró-Memória e a Universidade. As escavações arqueológicas começaram em agosto de 1987, de forma que os dados que aqui apresentamos são o resultado de apenas trinta dias de trabalho de campo, numa área a ser escavada com mais de 6.000 m².

Foram abertas duas áreas de pesquisa, simultaneamente, uma (A) no lado direito da Igreja e outra (B) a uma distância de 20 metros defronte à fachada da mesma.

As sondagens junto à igreja foram iniciadas a procura dos possíveis alicerces do convento que, geralmente, conforme a tradição, poderia ter sido construído ao lado da igreja, como noutras construções carmelitas. Os arranques dos arcos ainda são visíveis nas fachadas laterais da igreja. O convento deve ter sido planejado porém não chegou a ser construído nesse lugar, pois nenhum resto dele foi encontrado até agora numa área de 200m^2 , escavados junto à parede norte da igreja.

Foram achados restos de fogueiras e cerâmica tupiguarani de sub-tradição pintada policrômica, enterramentos de época colonial junto aos muros da igreja e que não apresentaram nenhum enxoval funerário.

A área B, a ser escavada, foi planejada a partir do afloramento de pedras, visível no solo atual, e que a uma distância de 20 metros da fachada principal da igreja, parecia indicar construções ao longo de um arruado que se justificava pelas grandes dimensões da praça e situação da igreja num ângulo da mesma. As primeiras sondagens demonstraram a existência de fachadas de casas de 14,30 metros. Até agora foram escavadas as fachadas de seis casas, em três quadras de 20 por 20 metros, num total de 1.200m^2 , ao longo de uma rua onde o lado oposto corresponde às moradias atuais, tendo em frente a fachada da igreja e o cruzeiro no meio da rua (Prancha II). A profundidade das casas oscila em torno de 30 metros, porém ainda deverão ser feitas escavações para poder-se determinar a estrutura total.

A uniformidade das medidas das fachadas das casas indicam um plano urbanístico, ao mesmo tempo que nos faz pensar se tratar de construções relacionadas com as atividades da missão, como a escola, o hospício, a enfermaria e a residência dos padres, que deveriam estar neste arruado, caso não apareçam outros indícios da existência do convento, segundo avancem as pesquisas arqueológicas. O tamanho das fachadas de 14,30 metros, indica, naturalmente, edifícios de maior porte que os habituais para uma família indígena aldeada. Os alicerces das construções até agora abertas, são de pedra e, em alguns casos, aparecem tijolos misturados com pedra; o resto da construção devia ser de taipa como indica a presença de esteios.

Seguindo-se as indicações de documentos históricos, podemos calcular que as cem famílias de que fala o alvará de 1700, poderiam ter sido aldeadas em torno da praça, mantendo-se uma estrutura muito semelhante à atual, ou seja, num retângulo de 250 por 150 metros casas com 6 metros de fachada, que é o padrão que hoje encontramos para cada lote urbano de Vila Flor. As dependências da missão estariam porém, nessa hipótese, na rua hoje destruída. É de supor que as construções de caráter público adscritas à missão e as casas dos residentes mais ricos, estivessem situadas na rua que partia da igreja e onde, atualmente realizamos as escavações do setor B.

Outra área, já demarcada para ser escavada, é em frente à fachada da Casa de Câmara e Cadeia, onde poderia estar situada uma pequena capela, pois era obrigatório que os presos pudessem também assistir aos ofícios religiosos, embora por trás das grades da cadeia.

No lado leste da praça, perto da Casa de Câmara e Cadeia, foram localizados os restos do pelourinho que ainda deveremos escavar.

O Cruzeiro

Como é de praxe, o cruzeiro está situado defronte à igreja a uma distância de 36 metros. Anos, atrás foi realizada uma restauração do mesmo, completamente absurda, levantando-se uma mureta em torno de tijolos que mascara o pedestal antigo e por fora dessa mureta sobressaia parte da antiga base, de forma octogonal. Decidimos realizar sondagens em torno do octógono para determinar a estrutura do cruzeiro e coletar possíveis materiais arqueológicos. Foram descobertos os alicerces de uma pequena capela de 9 por 9 metros, com muros robustos de 50 cm de espessura, construídos com pedra e tijolos misturados. É de supor se trate de uma antiga capela da primitiva missão, anterior à igreja atual, posteriormente derrubada e sobre cujos alicerces foi construído o cruzeiro. O estudo, em andamento, do material coletado poderá fornecer maiores detalhes sobre a época da construção dessa capela. Já identificamos vários fragmentos de louça do século XVII.

O material arqueológico coletado até agora é qua

lificativo porém não conclusivo, pois estamos trabalhando na rua e nas fachadas das casas e não no interior das mesmas, onde é de supor que os restos arqueológicos sejam mais abundantes.

O material arqueológico coletado consiste em:

- cerâmica vitrificada por enxôfre e sal;
- faiança com vitrificação salina;
- "sauce-glass"*;
- faianças vitrificadas espanholas e portuguesas dos séculos XVII-XVIII, com decoração azul e policrômica;
- louças chinesas e da Companhia das Índias Ocidentais;
- faianças européias dos séculos XIX e XX, estas últimas misturadas com faianças brasileiras (São Caetano e Mauá).

Duas peças merecem destaque: um fragmento de cerâmica vitrificada com padrão decorativo dos fins do século XVI a começos do XVII, e outro de louça imitando decoração portuguesa do século XVIII, porém sem vitrificação e com decoração aplicada diretamente no biscoito.

É importante salientar que todo esse material arqueológico cerâmico apresenta-se muito fragmentado, indicando restos de lixo e não abandono rápido do local como poderia sugerir a presença de materiais mais completos.

Foram encontradas três moedas de cobre durante o curso das escavações no setor B, ou seja, no arruado:

- Uma moeda de D. José I, com carimbo de escudete, data ilegível (entre 1774-76);
valor: 20 réis
conservação: ruim
Casa da Moeda de Lisboa.

* "sauce-glass", cerâmica branca vitrificada inglesa, surgida na 2ª metade do século XVIII, em Darenport, decorada em relevo e que não deve ser confundida com a cerâmica vitrificada fabricada em Glasgow e Liverpool que servia de vasilhame para transporte de ácidos e bebidas, tais como as famosas garrafas de genebra.

- Uma moeda de D. Pedro I, de 1827;
valor: 20 réis
conservação: boa
Casa da Moeda do Rio de Janeiro.
- Uma moeda de D. Pedro I, de 1830;
valor: 80 réis
conservação: boa
Casa da Moeda do Rio de Janeiro.

Na mesma praça onde se situava a missão carmelita talvez tenha existido com anterioridade, uma aldeia indígena tupi-guarani, afirmativa baseada em indícios arqueológicos antigos e recentes. O antropólogo N. Nasser (1967, 1971) recuperou um vasilhame completo e diversos outros fragmentos de cerâmica tupiguarani de sub-tradição pintada, em um dos lados da praça, fato que ainda é lembrado pelos habitantes da vila. Nas escavações que agora realizamos no lado norte da igreja foram encontrados também fragmentos dessa cerâmica indígena e uma possível urna funerária policrômica, porém as contínuas remoções de terra e a incrível circunstância de que, durante muito tempo, a praça de Vila Flor foi utilizada para se realizar "práticas arqueológicas", por alguns professores de Natal, em autêntico deserviço à cultura do Rio Grande do Norte, faz com que a identificação da estrutura da aldeia seja praticamente impossível; porém, o estudo cuidadoso dos materiais cerâmicos, com formas, decoração, etc., poderá ao menos, dar-nos elementos para situarmos a aldeia no tempo. Existem, inclusive, velhas tradições que parecem indicar a existência da aldeia indígena no local, como a referência a uma gameleira onde os caboclos que habitavam a rua por trás da Casa de Câmara e Cadeia realizavam "seus mercados" (informação de dona Eudura, velha habitante de Vila Flor com quase cem anos de idade).

O projeto Vila Flor poderá acrescentar importantes dados ao estudo incipiente das missões religiosas no Nordeste, reunindo dados arqueológicos e a documentação histórica que se encontra principalmente no arquivo carmelita de Belo Horizonte. O estudo de todo esse material permitirá a avaliação do papel dos aldeamentos religiosos, não apenas como uma consequência da expansão européia do século XVI, mas também possibilitando a análise do impacto des

sa expansão sobre as populações indígenas, a dinâmica do contato cultural havido e os processos de exploração e colonização.

A sequência histórico-cultural desde a aldeia indígena até o estabelecimento da missão carmelita e a expansão da vila de Gramacião-Vila Flor como sede das importantes indústrias do sal e do açúcar são também metas pretendidas pelo projeto.

ABSTRACT

This article deals with the archaeological and historical research being conducted on the Carmelite Mission of Gramacião in Rio Grande do Norte. Through the analysis of both indigenous and European artifacts, as well as historical documents, the project will contribute to a more profound understanding of European expansion in Brazil, the role of religious missions in the colonization process, and the contact between European and indian civilizations in Northeast Brazil.

ADDENDA

Nas escavações realizadas nas últimas semanas de dezembro de 1987, foram achadas mais três moedas de cobre: duas de D. Pedro I, 1823 (20 réis), e 1826 (40 réis) e a terceira encontrada entre os alicerces da antiga capela onde hoje se encontra o cruzeiro, de D. Pedro II de Portugal, datada em 1694 (20 réis). A última é um achado de grande importância para sedatar a antigüidade dos alicerces, indicando uma construção anterior à igreja de Nossa Senhora do Desterro, como tínhamos suposto.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Aroldo de. Aldeias e Aldeamentos de Índios. Boletim Paulista de Geografia, nº 33, São Paulo, outubro de 1959.
- BARROS, C. E. S. Monteiro. Referências à região do aldeamento de Gramació. Relatório para a SPHAN/Pro-Memória (inédito), 1986.
- BARLEU, Gaspar van Baerle. História dos feitos recentemente praticados... Imprensa Nacional, 1941. Tradução de Claudio Brandão.
- CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Norte. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1955.
- . • Os holandeses no Rio Grande do Norte. Natal, 1948.
- . • Geografia do Brasil holandês. Liv. José Olympio, 1956.
- COSTA, P. A. Pereira da. A ordem carmelita em Pernambuco. Arquivo Público Estadual, Recife, 1976.
- IBGE. Enciclopédia dos Municípios, volume 17.
- MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos geopolíticos e antropológicos do Rio Grande do Norte. Imprensa Universitária, RGN, 1950.
- PIO, Fernando. O convento do Carmo de Goiana e a reforma turônica no Brasil. Imprensa Universitária, Recife, 1970.
- PRAT, Frei André. Notas históricas sobre as missões carmelitas. Recife, 1941.
- NASSER, A. de Souza. Notas preliminares sobre a Arqueologia do sistema Curimatau-Cunhau. PRONAPA, Resultados preliminares do 1º ano, Belém, 1967.
- . • Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimatau. PRONAPA, Resultados preliminares do 4º ano. Belém, 1971.



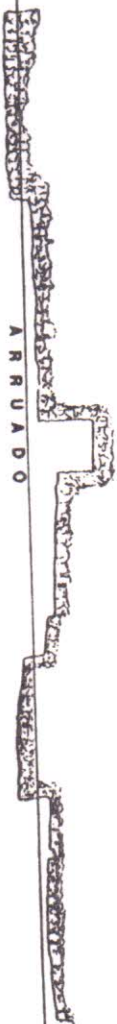
1



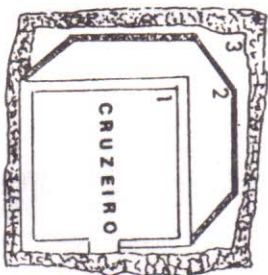
2

1. Arruado e alicerces das casas. Ao fundo a Casa de Câmara e Cadeia.
2. Cruzeiro. Base antiga octogonal e alicerces da primitiva Capela.

P. III



← IGREJA



VILA FLOR, RN.

- 1 - BASE DO CRUZEIRO ATUAL
- 2 - BASE DO ANTIGO CRUZEIRO
- 3 - ALICERÇES DA PRIMITIVA CAPELA

0 10m.

